

APRESENTAÇÃO

O marxismo dissidente de Victor Serge

David Renton

Serge foi participante e testemunha de vários acontecimentos importantíssimos do século XX. Nascido em 1890 como Victor Lvovitch Kibaltchitch, de pais refugiados políticos. O pai era partidário do Narodnaia Volia (A Vontade do Povo) e a mãe pertencia à aristocracia polonesa. Um primo, Nikolai Kibaltchitch, participou do assassinato do czar Alexandre II. Com uma família assim não surpreende que em tenra idade Serge se tornasse ativista: sua obra autobiográfica *Memórias de um revolucionário* (publicada originalmente em 1951) afirma que adotou posições anarquistas a partir dos seis anos! Por volta dos quinze, Serge e seu círculo de amigos uniram-se aos Jeunes Gardes, jovens socialistas belgas, mas desdenhavam as correntes principais do Partido Socialista. Parece que este ficava cada vez mais reformista, preocupado com minúcias e detalhes da legislação parlamentar e pouco interessado em transformar de maneira expressiva o sistema capitalista. Os jovens amigos saíram dos Jeunes Gardes e filiaram-se à colônia anarquista de Émile Chapelier, tendo Serge sido influenciado principalmente pelos textos individualistas de Albert Libertad. Da Bélgica, Victor Serge mudou-se para Paris e ali participou do movimento anarquista.

Com o pseudônimo de Valentin, editou o jornal *Anarchie* e as autoridades responsabilizaram-no por instigar os crimes da famosa quadrilha Bonnot. Era pouco provável que fosse culpado, mas, decidido a não alegar inocência e recusando-se a denunciar os amigos, foi condenado a cinco anos de prisão. Sua experiência na cadeia foi descrita em *Les hommes dans la prison* [Os homens na prisão] (1930). Pouco tempo depois, Serge assistiu à conversão dos líderes socialistas do mundo ao chauvinismo imperialista com a deflagração da Primeira Guerra Mundial. Após ser libertado, foi para

VICTOR SERGE

Barcelona e ali participou do levante fracassado em agosto de 1917. Os acontecimentos desse período lhe renderam material para novo romance, *Naissance de notre force* [Nascimento da nossa força], de 1931. Da Espanha, Serge voltou à França e foi preso. Entusiasmado, como muitos amigos seus, com a notícia da Revolução de Outubro, conseguiu ser enviado para a Rússia como bolchevique em troca de prisioneiros de guerra franceses. Assim, em 1919, aos 28 anos, pisou pela primeira vez a terra dos pais, já moldado por treze anos de experiência em atividades revolucionárias organizadas.

Desde o instante em que chegou, sentiu-se dilacerado. Por um lado, chocou-se com o autoritarismo do Partido Bolchevique, mas, por outro, podia ver que os comunistas ainda eram o partido da classe operária russa. Na verdade, foi nesse momento que Serge curou-se do antigo desdém pela organização política. Como viria a escrever: “Nesse momento, o partido cumpria, junto à classe operária, as funções de cérebro e sistema nervoso. Via, sentia, sabia, pensava, desejava pelas massas e por meio delas [...] sem ele, as massas não passariam de um monte de pó humano”. Serge considerou seu dever defender a revolução: “Não era neutro nem contra os bolcheviques; estava com eles, ainda que de forma independente, sem renunciar ao pensamento nem ao senso crítico”. Assim, Victor Serge participou da defesa militar de Petrogrado e trabalhou como secretário da Terceira Internacional. Seu romance *Ville conquise* [Cidade conquistada], de 1932, descreveria Petrogrado nesse estágio heróico da revolução. Serge nunca fechou a mente às idéias dos adversários dos bolcheviques, como os argumentos dos anarquistas. Muitos libertários passaram para o lado da Revolução, como Benjamin Aleinikov, Herman Sandorminski e Alexander Shapiro, Bill Shatov, Nikolai Rogdaiev, Novomirski, Grossman-Roschin e Appolon Karelin. A maioria deles aceitou cargos no governo revolucionário. Serge foi um dos anarquistas mais brilhantes a se dedicar ao novo regime e essa posição não o tornou benquisto em relação aos intransigentes de ambos os lados.

Até o fim de 1920, era possível prever um acordo entre bolcheviques e anarquistas. Lenin recebeu Nestor Makhno amistosamente e Trotski falava em reconhecer os anarquistas como governantes autônomos da Ucrânia. Mas esse momento logo terminou. O movimento de Makhno foi sufocado e o rompimento tornou-se definitivo com o levante de Kronstadt, em 1921. Serge tinha simpatia pelos marinheiros de

O ANO I DA REVOLUÇÃO RUSSA

Kronstadt e argumentou que os verdadeiros culpados foram Kalinin e Kuzmin, negociadores bolcheviques arrogantes e hostis. Chocou-se com as mentiras que o regime usou para defender-se, com os bolcheviques atribuindo o levante a uma fictícia conspiração branca. No fim das contas, Serge apoiou o governo contra os rebeldes de Kronstadt, mas o fez sem entusiasmo: “Kronstadt foi o começo de uma revolução nova e libertadora pela democracia popular [...] Entretanto, o país já estava exausto [...] Não havia mais nenhum tipo de reserva, nem mesmo reserva de coragem no coração das massas”. Nessas condições, os rebeldes de Kronstadt só conseguiriam vencer caso dessem motivos aos elementos conservadores dentro da sociedade russa. O lema anarquista de “democracia soviética” era utópico; faltava-lhe “liderança, instituições e inspiração; atrás de si, só havia massas de homens famintos e desesperados”.

Embora incomodado com Kronstadt, Serge continuou convencido de que a Rússia era um Estado operário. Acreditava que o regime ainda podia renovar-se e achou que a maior fonte de esperança era o movimento revolucionário da Europa central. Em 1922, resolveu viajar ao exterior e, nos quatro anos seguintes, trabalhou para a Internacional Comunista na Alemanha e na Áustria. Em sua ausência, soube do atentado contra Lenin e da extinção subsequente do Partido Revolucionário Social, filho da tradição populista russa à qual seu pai pertencera. Apesar da discordância visível com os bolcheviques, Serge ainda freqüentava os círculos dominantes da Internacional e suas *Memórias* contêm esboços notáveis de personagens importantes do movimento revolucionário europeu, como Antonio Gramsci, Ernst Toller, Clara Zetkin, Angelica Balabanova, Bela-Kun, Jacques Sadoul e Boris Souvarine, além de vários conhecidos seus entre os revolucionários russos. Em 1923, Serge assistiu à derrota do Partido Comunista alemão, que não soube agir no clímax da crise de outubro. Seu soberbo jornalismo revela as esperanças e também o desespero da época. Ficou claro para ele que o fracasso na Alemanha seria catastrófico para o destino da revolução na Rússia. “Se ao menos”, escreveu, “se ao menos...” Depois da Alemanha, Serge redigiu vários artigos para publicações comunistas sobre ocorrências nos Balcãs. Também não se impressionou com o poderio aparentemente formidável da socialdemocracia austríaca em Viena, a capital vermelha. Já em 1925, Serge escreveu um artigo para o jornal francês *Vie Ouvrière* alertando para o perigo do fascismo na Áustria. No mesmo ano,

VICTOR SERGE

elaborou um estudo biográfico de Lenin como personificação da unidade entre teoria e prática, “inteligência e vontade”, a serviço do movimento operário. Foi o mais bolchevique de todos os seus textos.

Victor Serge voltou à Rússia em 1926 e descobriu que a degenerescência da revolução atingira novo estágio. Depois da morte de Lenin, houve grande transferência de poder para a burocracia estatal. A ascensão dessa classe foi marcada pelo surgimento da CheKa, a polícia secreta. Serge tornou-se defensor ativo da Oposição de Esquerda, de Trotski. Em 1927, Trotski e seus seguidores uniram-se a Kamenev e a Zinoviev em uma aliança desesperada contra Stalin, Bukharin e a máquina do partido. As *Memórias* de Serge revelam o clima no pequeno grupo trotskista, que a princípio tinha apenas doze partidários em todo o distrito de Leningrado, a organizar-se e unir-se a outros oposicionistas, questionando a idéia do socialismo num só país e combatendo a degenerescência da revolução.

Em outubro de 1927, Trotski fez o último discurso ao Comitê Central; no fim do mês, tanto ele quanto Kamenev e Zinoviev foram removidos do comitê. Também naquele mês, décimo aniversário da revolução original de outubro, o XV Congresso do Partido Bolchevique expulsou todos os membros da oposição.

De 1928 a 1933, Serge morou em Petrogrado, solto, mas não em liberdade. Seus amigos foram presos ou expulsos da Rússia. Foi nessas condições que se tornou escritor em tempo integral, terminando três romances em rápida sucessão: *Les hommes dans la prison*, *Naissance de notre force* e *Ville conquise*. Outro livro, *Littérature et révolution* (1932), abordava com simpatia a idéia do “escritor proletário”, mas Serge acabou ficando contra tal idéia depois do ataque de Trotski ao gênero. Serge também descreveu o período heróico da revolução neste *O ano I da Revolução Russa*, cujo texto original é de 1930, e reuniu material para o planejado *Ano II*. Todos esses livros foram publicados na França e na Espanha. Isso foi bom, porque somente a condição de escritor importante no exterior salvou Serge da prisão. Em 1933, como resultado da perseguição constante do Estado, Liuba, sua esposa, foi internada na clínica psiquiátrica do Exército Vermelho. O próprio Serge foi preso pouco depois e acusado de conspiração contra o Estado. Seguiram-se três anos de exílio interno em Oremburgo. Ali, Serge terminou *L’an II de la Révolution Russe*, mais um romance, *La tourmente*, uma descrição autobiográfica do movimento anarquista francês, *Les hommes perdus* [Os homens

O ANO I DA REVOLUÇÃO RUSSA

perdidos], e um livro de poemas, *Résistance* (1935). Os livros foram tomados pela polícia secreta e somente os poemas se salvaram. Estavam em segurança porque podiam, pelo menos, ser memorizados. Enquanto isso, fora da Rússia, iniciou-se uma campanha pela libertação de Serge. Ativistas e escritores de idéias independentes exigiram que o libertassem.

Em 1936, finalmente, Serge foi solto. Partiu da Rússia para a Bélgica e depois para a França. No Ocidente, Serge continuou a escrever copiosamente, embora com imensa dificuldade para encontrar editor. Um dos livros, *Destin d'une révolution: URSS, 1917-1937* (1937), dedicava-se a explicar a ascensão de Stalin. Como importante ex-defensor da oposição de esquerda russa, Serge identificou-se publicamente com os trotskistas e trabalhou com eles contra as calúnias dos julgamentos de Moscou. Ao lado de André Breton, ajudou a criar uma comissão de inquérito francesa. Mas pessoalmente não conseguia ver a Quarta Internacional de Trotski como base organizada para a renovação socialista. Em vez disso, descrevia os trotskistas oficiais como “movimento frágil e sectário do qual, supunha eu, nenhum pensamento novo poderia surgir”. Serge acreditava ter identificado um traço esquematizante no pensamento de Trotski que ligava até mesmo esse velho revolucionário ao autoritarismo e à intolerância da Rússia de Stalin. Serge e Trotski interromperam sua correspondência e essa separação só se reverteria em 1944, quando Natalia Sedova reestabeleceu o contato, depois da morte do marido Trotski.

Esse novo período de exílio frustrou Serge a cada passo. Partidário da revolução espanhola, uniu-se ao anti-stalinista Partido Operário de Unificação Marxista (POUM), mas o governo espanhol não permitiu que entrasse no país. Os amigos morreram ou capitularam; na Rússia, os velhos bolcheviques foram massacrados um a um. O livro de Serge *Hitler contre Stalin* (1941) previa derrotas soviéticas desastrosas no início da guerra, insinuando que os camponeses receberiam de braços abertos os invasores hitleristas. A previsão acabou se mostrando exata, mas a curto prazo a notoriedade do livro só teve o efeito de obrigar os editores a fechar a empresa. Outro romance, *Les derniers temps* (1946), descreve o sofrimento de refugiados políticos despossuídos da geração de Serge. Em 1940, quando os nazistas invadiram a França, Serge foi obrigado a fugir outra vez. Depois de passar dezoito meses escondido dos novos governantes do país, ele e o filho Vlady conseguiram finalmente

VICTOR SERGE

embarcar em um navio que os levaria à Martinica. Outros passageiros eram o ex-colega Breton e o antropólogo Claude Lévi-Strauss. Este fez amizade com Breton mas não simpatizou com Serge, desdenhando-o como “solteirona velha e afetada”, com “um traço quase assexuado, que mais tarde eu encontraria em monges budistas”. Essas avaliações de caráter revelam mais sobre Lévi-Strauss do que sobre Serge. Este não teve permissão de desembarcar na Martinica, na República Dominicana nem em Cuba, e só foi recebido no México. Foi obrigado a deixar a esposa para trás num asilo em Aix-en-Provence, onde Liuba morreria alguns anos depois. Serge continuou a escrever e seu maior romance, *L'affaire Toulaév* [O caso Tulaiev], – publicado em 1948 –, foi concluído mais ou menos nessa época. Mas o próprio autor declinava, pobre e solitário. Morreu em 1947, de causas naturais, no México. O terno estava puído, e os sapatos furados.

“Um anarquista sangra pela morte de seu sonho”?

Embora Serge não fosse nenhum guerreiro da Guerra Fria, também não era apenas um anarquista. Assim iniciou sua vida política e até 1917 permaneceu leal ao anarquismo. No livro *Revolution in danger* [Revolução em perigo], compilação de textos redigidos em 1919 e 1920, Serge esforçou-se ao máximo para defender os anarquistas que apoiavam o regime. Afirmou que o anarquismo daria moralidade à revolução, porque a teoria marxista da luta de classes não poderia fazê-lo. É difícil imaginar Marx, Lenin ou Trotski aceitando essa posição. Da mesma forma, como já mostrado, Serge apoiava os rebeldes de Kronstadt e, embora ficasse do lado dos bolcheviques contra Kronstadt, mais tarde descreveria a derrota dos rebeldes como um dos primeiros momentos da vitória da contra-revolução. Contudo, embora permanecesse simpático ao anarquismo, sua oposição a Stalin não foi concebida em termos anarquistas. Pode-se ver isso ao comparar a dissidência de Serge com as opiniões de anarquistas contemporâneos, como a norte-americana Emma Goldman, que permaneceu na Rússia até 1921.

Para Goldman, o teste decisivo era o da moralidade. É uma posição que foi descrita (ela diria satirizada) como abordagem “tudo ou nada”. Enquanto os bolcheviques seguissem o princípio da mudança criativa constante, deveriam ser apoiados. No momento em que

O ANO I DA REVOLUÇÃO RUSSA

voltassem as costas à fé revolucionária, deviam ser combatidos. Assim, num panfleto escrito em 1917, Goldman louva o papel de Lenin na revolução de fevereiro, descrevendo os bolcheviques quase como anarquistas:

Os bolcheviques de 1917 não acreditam mais na função predestinada da burguesia. Foram arrastados adiante pelas ondas de Bakunin; ou seja, assim que as massas tomam consciência de seu poder econômico, fazem a própria história e não precisam prender-se a tradições e processos de um passado morto que, assim como os tratados secretos, são criados em uma mesa redonda e não ditados pela própria vida.

Entretanto, em 1923, em seu livro *My disillusionment in Russia* [Minha desilusão na Rússia] (1923), Goldman mostrou que a antiga esperança não se justificava. Os bolcheviques nunca acreditaram no salto russo da pobreza à abundância absoluta; em vez disso, alimentaram esperanças de uma revolução mundial da qual os operários russos, entre outros, se beneficiariam. Da mesma maneira, os bolcheviques não toleraram os anarquistas que organizaram novos levantes contra o domínio soviético. Escrevendo pouco depois da derrota de Kronstadt, Goldman mostrou-se pessimista quanto a novas mudanças revolucionárias na Rússia. Não tinha esperança nenhuma no regime e muito pouca em seus adversários. Serge não aceitou nada disso. Também não concordaria que a prova da virtude revolucionária fosse medida pela fé nem defenderia que a Revolução Russa já estivesse fatalmente comprometida no fim de 1921. Para ele, a questão mais importante era: qual a principal fonte de opressão dos operários russos? No início da década de 1920, os obstáculos decisivos ao poder operário ainda eram principalmente externos. Antes de tudo, o poder operário era contido pelo isolamento da Rússia revolucionária, pelo bloqueio imperialista e pela necessidade de competir em um mundo hostil. No fim da década de 1920, os obstáculos decisivos para os operários russos localizavam-se dentro da Rússia. Foi a burocracia estatal, envolvida na produção, entrincheirada em seu poder e capaz de aprovar privilégios, que se tornou a principal força a conter o operariado russo. Daniel Guérin, ex-trotskista transformado em anarquista, criticaria mais tarde a posição de Serge e descreveu-o como cúmplice, em 1920 e 1921, por seu próprio silêncio:

VICTOR SERGE

É claro que Victor Serge tinha idéias suficientemente claras para não alimentar ilusões sobre a natureza real do poder central soviético. Mas esse poder ainda estava revestido do prestígio da primeira revolução proletária vitoriosa; era odiado pela contra-revolução mundial; e essa foi uma das razões, a mais honrada, pela qual Serge e muitos outros revolucionários puseram cadeados na língua.

A crítica de Guérin soa estranha, dados os anos de distância em que foi escrita. Por não se manter calado, Serge sofreu durante três anos os tormentos do exílio interno. Se a única prova é, realmente, o antigo código de honra aristocrático, como poderia Serge ser condenado? Mas em outros aspectos a análise de Guérin é correta. No início e em meados da década de 1920, parecia a Serge que a classe operária russa ainda possuía as tradições e instituições do poder operário. Seu maior inimigo, como argumenta Guérin, era a contra-revolução mundial. Mas no fim da década de 1920, com os soviets mortos e a burocracia já estabelecida, não havia mais esperanças de que a Rússia pudesse ser reformada.

Pode-se ver a diferença entre a posição de Serge e a de Goldman no modo como entendiam o terror vermelho durante a guerra civil. Para Goldman, a resvalada para o terror foi culpa dos bolcheviques: “Uma minoria insignificante decidida a criar um Estado absolutista é levada necessariamente à opressão e ao terrorismo”. Serge repetiria essa avaliação na época dos expurgos da década de 1930, mas acreditava que não era verdadeira dez anos antes. Ao contrário de Emma Goldman, via claramente que o terror vermelho original dos anos da guerra civil era uma reação ao terror branco ainda maior, que o precedeu e configurou as ocorrências da guerra.

Serge continuou a respeitar os anarquistas e, ainda em 1938, clamava pela síntese entre os bolcheviques e o socialismo libertário. Entretanto, não tinha o mesmo entendimento que eles sobre o que dera errado na Rússia. Foi somente quando os fracassos da Revolução de Outubro não podiam mais ser atribuídos à intervenção estrangeira e ao terror contra-revolucionário e quando a classe decididamente responsável pela degenerescência constante da revolução passou a ser, de fato, filha da própria revolução, só então Serge passou para a oposição, e não antes.

O ANO I DA REVOLUÇÃO RUSSA

“A face da nossa vida não é nossa”

Serge, como Marx, era, acima de tudo, revolucionário. Ativista político durante mais de quarenta anos, passou dez deles na cadeia e participou dos acontecimentos decisivos de seu tempo, da Espanha de 1917 à Alemanha de 1923. Um trecho de suas *Memórias*, escritas em 1943 mas publicadas somente depois de sua morte, registra a justificativa de Serge para a própria vida:

Bem cedo, aprendi com a *intelligentsia* russa que o único significado da vida é a participação consciente na formação da história. Quanto mais penso nisso, mais profundamente verdadeiro me parece. Segue-se que é preciso alinhar-se ativamente contra tudo o que apequena o homem e envolver-se em todas as lutas que tendem a libertá-lo e engrandecê-lo. Esse imperativo categórico não é de modo algum amesquinhado pelo fato de tal envolvimento estar inevitavelmente manchado pelo erro; erro pior é viver só para si, preso a tradições manchadas pela desumanidade.

Serge dedicou-se à luta contra um sistema que enriquece um número irrisório de pessoas às custas da imensa maioria. A Revolução de Outubro tornou-se o momento decisivo de sua vida. Demonstrou que era possível a libertação coletiva. Mas, como defensor do igualitarismo de classe, Serge percebeu que o efeito da revolução foi a criação da tirania sobre a classe operária. Essa avaliação foi sofrida para Serge e ele se dispôs a dar todas as chances à revolução. Somente quando acreditou não haver mais esperança de reforma interna é que se uniu à oposição. Mesmo como opositor não ficou parado; discutiu e lutou a favor de uma visão de socialismo não apenas sem burocracia como também sem nenhum tipo de autoritarismo. É nesse sentido que sua dissidência é instrutiva hoje. É famosa a frase de Karl Marx sobre a necessidade de “crítica impiedosa a tudo o que existe”; e a vida de Victor Serge foi prova apaixonada disso.